

Conselho Regional de Psicologia de Pernambuco

Comissão de Direitos Humanos

8 de março

“O dia da mulher e sua violência contra ela”

Os dados são estarrecedores, diariamente as mulheres brasileiras das mais diversas idades, regiões geográficas, condições econômicas e culturais sofrem as mais variadas formas de violência, chegando a conseqüências desumanas. Da violência física à psicológica, do óbito aos transtornos mentais. Algumas visíveis outras imperceptíveis a olho nu, veladas, no cotidiano. Trata-se daquilo que você não vê, pois muitas vezes é cultural e “normal” demais para serem levadas em consideração, mas para quem sofre tem muito significado.

Os estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea estima que entre 2009 - 2011 ocorreram “5.664 mortes de mulheres por causas violentas a cada ano, 472 a cada mês, 15,52 a cada dia, ou uma a cada hora e meia. Mulheres jovens foram as principais vítimas: 31% estavam na faixa etária de 20 a 29 anos e 23% de 30 a 39 anos. Mais da metade dos óbitos (54%) foram de mulheres de 20 a 39 anos. Merece destaque a elevada proporção de óbitos de mulheres negras nas regiões Nordeste (87%), Norte (83%) e Centro-Oeste (68%) ... 50% dos feminicídios envolveram o uso de armas de fogo e 34%, de instrumento perfurante, cortante ou contundente. Enforcamento ou sufocação foi registrado em 6% dos óbitos. Maus tratos – incluindo agressão por meio de força corporal, força física, violência sexual, negligência, abandono e outras síndromes de maus tratos (abuso sexual, crueldade mental e tortura) – foram registrados em 3% dos óbitos, 29% dos feminicídios ocorreram no domicílio, 31% em via pública e 25% em hospital ou outro estabelecimento de saúde.”

No entanto, é comum a banalização - normatização para algo que é regulamentado pelo meio social e pelas próprias mulheres. Reproduzimos a violência ou a minimizamos, romantizando-a e mascarando-a. A vida física e psicológica das mulheres é constantemente comparada à cultura não reconhecida do machismo e do patriarcado. Seus corpos são utilizados como instrumento de venda de produtos, “brincadeiras”, “olhares” e julgamentos no ambiente de trabalho, família e convívio social. Assim, as mulheres sofrem diariamente assédios, afirmações de subjugação e inferiorização. O não reconhecimento e o comum escarnecimento ratificam a existência das provocações que geralmente se tornam o estopim dos inúmeros casos de violência contra a mulher.

Embora possua uma dimensão mais perceptível, a lesão física está longe de ser a única consequência da violência contra a mulher. E apesar de parecer sutil, as consequências emocionais possuem um caráter devastador, pois costumam deixar marcas profundas que são levadas por toda a vida e que afetam não só a vítima, mas toda a sua rede social. Os principais problemas de ordem emocional que podem surgir são: o estresse pós-traumático, insônia, pesadelos, síndrome do pânico, depressão, ansiedade, comportamentos autodestrutivos e até mesmo o suicídio.

Nesse sentido, entender as questões relacionadas as mais diversas áreas da violência existente no cotidiano de cada mulher brasileira é de suma importância para que nós, profissionais da

psicologia, possamos intervir de forma ética e contribuir para a superação e melhoria da qualidade de vida das mulheres que passam pelos nossos espaços de trabalho. Precisamos entender as mais variadas formas que esta violência de gênero se apresenta no corpo e na psique dessas mulheres. Assim como, não podemos deixar de registrar, compreender também a nós, mulheres psicólogas, o que passamos nos mais variados espaços profissionais, e o que praticamos no nosso convívio diário, pois somos maioria nesta, como em tantas outras profissões.

Comissão de Direitos Humanos
Conselho Regional de Psicologia de Pernambuco – CRP-02